Anais do IX Encontro do CELSUL
Palhoça, SC, out. 2010
Universidade do Sul de Santa Catarina

TRADUÇÃO: A (RE)PRODUÇÃO DO SENTIDO

Adail Sobral *
Francine de Oliveira Gomes **
Raquel Menezes Vaz ***
Roberta Quintanilha Azevedo ****
Sylvia Furtado Felix *****

ABSTRACT: Words do not have a literal meaning, since meaning is built through interaction and influenced by factors external to language. This was noticed in the translation practice and will be presented in this article, which is based on the practical experiences developed in a discipline taught by Adail Sobral in a Language Graduate Program. Sobral (2008) says that to translate is to be a reader and an author at the same time, and to put oneself imprecisely in the author's and the reader's position, what sees the translator not as an isolated person, but someone constituted by many subjects. For these reasons, Bakhtin's dialogical theory will be the base of our investigation. Therefore, our purpose is to discuss the subjects involved in the translation process and aspects such as the terminological difficulties and the negotiation of meaning in order to talk about the ways of producing meaning in translated texts.

KEYWORDS: Translation; Discourse; Negotiation of meaning.

1. Introdução

Este trabalho, o qual é fruto de um desafio sugerido na disciplina Tópicos em Teoria da Tradução, irá trazer à discussão o que se pode entender por prática de tradução, assim como o papel do autor e leitor de um texto traduzido. Para SOBRAL (2007), traduzir um texto pode contribuir para um diálogo em seu sentido mais amplo, o que implicaria em uma prática para além do texto. Ao ser leitor e autor, aquele que traduz não reproduz o que foi dito, mas retrata através de sua tradução o diálogo de muitos dos sujeitos que o compõem. Colocar-se na posição de autor e daqueles que irão ler o texto colabora para o processo de uma nova criação de sentidos que se materializa no texto traduzido.

Para que esse caminho seja trilhado entre o texto a ser traduzido e sua tradução, não basta apenas o domínio de língua estrangeira ou da cultura daquele país onde este será veiculado, mas sim um sujeito que atue como intermediador do que foi dito e daquilo que se quer dizer. Este artigo trata o tradutor como um "maestro" que possa reger as diferentes vozes que permeiam o discurso a ser traduzido e de certa forma possa estabelecer esse diálogo e colabore com a construção do sentido pretendido anteriormente em um texto ainda não traduzido.

Dessa forma, considera-se a negociação de sentidos como a principal tarefa a ser mediada pelo tradutor, que deverá decidir entre as várias opções lexicais que lhe são disponibilizadas, buscando sempre considerar a quem estas serão direcionadas, que idéias pretendem exprimir, que vozes representam e, principalmente, porque se sobressaem entre as

* Doutor; Universidade Católica de Pelotas.
** Mestranda; Universidade Católica de Pelotas.
*** Mestranda; Universidade Católica de Pelotas.
**** Mestranda; Universidade Católica de Pelotas.
***** Mestranda; Universidade Católica de Pelotas.

outras escolhas não feitas, o que implica uma concepção discursiva, e não apenas textual, de tradução. Dentro do que é escolhido pelo tradutor, restam outras opções que por algum motivo acabam não se adequando ao que deve ser traduzido, e sempre essa reflexão deverá ser feita ao nos deparamos com um texto a ser traduzido.

Portanto, neste trabalho faz-se uma reflexão sobre as escolhas e as não escolhas, o dito e o não dito, o dito e o traduzido, considerando-se indispensavelmente que dentre isso tudo há a construção e reconstrução do diálogo, mais do que a voz do autor e tradutor, também a daqueles que a cada leitura ressignificarão as escolhas feitas dentro do texto.

2. Tradutor: um maestro regendo diferentes vozes

Segundo Said (2010, p.19) "tradução é simplesmente o processo de levar uma mensagem escrita em uma língua para o universo cultural de outra língua". No entanto, a tradução não deve ser feita apenas pela correspondência lexical entre os idiomas. É necessário que o sentido da mensagem seja preservado e a intenção do autor seja respeitada, entendendo-se "mensagem" no sentido de uma intencionalidade de sentido e não de conteúdo.

É importante ressaltar a diferença entre tradução e versão apresentada por Said de que a tradução escrita que tem como língua de partida um idioma estrangeiro é uma tradução, mas se ela tiver como língua de partida o próprio idioma do tradutor, ela será uma versão (2010, p.19-20)

A partir deste excerto, pode-se refletir acerca das dificuldades em realizar uma tradução, já que "para um falante nativo do português, uma tradução do inglês para o português é quase sempre mais fácil que uma tradução do português para o inglês" (SAID, 2010, p.20). Outro fator a ser considerado é o grande número de palavras que não possuem correspondente direto em outras línguas. A frase 'ele é filho único', por exemplo, pode ser traduzida como 'He is an unique son', frase que faria sentido para um conhecedor da língua portuguesa. No entanto, para um falante nativo da língua inglesa não teria o mesmo sentido que a frase "He is an only child", já que essa, além de respeitar a estrutura sintática do inglês, que é diferente da do português, apresenta palavras com valores lexicais diferentes, como 'only' e 'unique'. O uso do léxico 'unique' apresenta um sentido mais literal, uma vez que para um falante do português a tendência é a de buscar na língua alvo palavras que apresentem morfemas semelhantes como *único* e *unique*.

Surge então outro fator importante para a questão da tradução, a origem das línguas. Línguas latinas (Português) terão sintaxe diferente daquelas de origem germânica (Inglês). Assim, percebe-se que o tradutor tem um poder enorme em suas mãos, suas decisões linguísticas podem tanto ser fiéis ao texto original, como podem dar um rumo completamente diferente ao texto, as escolhas podem alterar o sentido e até mesmo transmitir uma ideia completamente diferente daquela desejada pelo autor. O tradutor é o autor da tradução, não do texto, conforme afirma Said

> "Tradutor é o autor da tradução, não do conteúdo da tradução. Mais que isso, o tradutor tem o compromisso vital com o texto de partida e deve evitar o máximo possível desviar-se dele. O tradutor experiente sabe que não existem traduções 100% fiéis ou equivalentes e reconhece o poder de suas próprias escolhas sobre o texto traduzido, mas mesmo assim procura preservar a integridade do texto de partida em vez de transformá-lo em outro texto" (2010, p. 26).

Said comenta ainda, que "traduzir bem exige muito treinamento e não o mero domínio de uma língua estrangeira (...) tradutores devem falar e escrever a língua de chegada tão bem como (ou melhor que) a língua de partida" (2010, p. 39). Infelizmente, essa nem sempre é a

realidade daquele que traduz. Muitos sentem-se preparados para realizar essa prática somente pelo fato de terem alguma experiência com a língua de chegada.

Um estudo que leve em conta a linguagem, deve trabalhar com as relações intersubjetivas dos sujeitos envolvidos e que ainda, pertencem a um dado contexto social. Ou seja, deve considerar a personalidade do indivíduo quando tratando do uso da sua palavra. Conforme em Bakhtin, é o que acontece quando falamos em tradução:

> "Assim, a personalidade que se exprime, apreendida, por assim dizer, do interior, revela-se um produto total da inter-relação social. A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social. Em conseqüência, todo o itinerário que leva da atividade mental (o "conteúdo a exprimir") à sua objetivação externa (a "enunciação") situa-se completamente em território social. Quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social à qual ela se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato de fala, e, acima de tudo, Aos interlocutores concretos" (Bakhtin/Volochinov, 2002, p.117).

Logo, em se tratando de tradução, que está estreitamente ligada à linguagem, se estamos considerando o tradutor um mediador entre culturas, estamos pressupondo que, no mínimo, o tradutor carregue o requisito da técnica de traduzir e não apenas o fato de ser bilíngue ou até mesmo poliglota. O tradutor não deve trazer o texto ao seu entendimento pessoal, mas pensar como um intermediador entre o escritor do texto e o possível leitor.

> "A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra. Só na compreensão de uma língua estrangeira é que se procura encontrar para cada palavra uma palavra equivalente na própria língua. É por isso que não tem sentido dizer que a significação pertence a uma palavra enquanto tal. Na verdade, a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. [...] Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro. Ela é como uma faísca elétrica [...]" (Bakhtin/Volochinov, 2002, p.132).

As discussões que permeiam este trabalho em específico surgiram da tradução de textos dos mais variados gêneros. Desde textos literários como obras de Shakespeare até textos técnicos foram trabalhados. Um exemplo foi um texto elaborado por um professor de Bioética de uma Universidade na Pensilvânia, sobre a situação hospitalar nos Estados Unidos. A tradução de textos técnicos pode ser considerada mais confortável, devido à utilização de termos já pré-determinados, específicos, de cada área, além disso, temos a oportunidade de vivenciar o que o autor está dizendo através de outros meios de comunicação, por exemplo.

Mas o nosso problema está em unir esta experiência aos conceitos de Bakhtin sobre linguagem, e o desafio está em confiar no que Bakhtin pensou sobre a linguagem, acreditar que tudo está sempre em movimento. E isto faz com que, mesmo que não estejamos tratando de textos filosóficos ou poéticos, ainda assim, estaremos tratando de algo que Bakhtin vai denominar de sentido que, diferente de significado - que é algo mais estável e preciso - o sentido, pode variar de acordo com o contexto psicológico no qual o discurso está sendo enunciado.

Mas mesmo na situação de estarmos diante de um texto atual e que esteja falando de uma realidade próxima a nós, outras dificuldades devem ser consideradas. Mesmo um tradutor de formação, um técnico, deve estar ciente de que a sua subjetividade estará envolvida no seu trabalho. Esta situação aconteceu durante os trabalhos que produzimos na

disciplina de Tradução, nosso campo de estudo neste artigo. Em um grupo de apenas três colegas, tivemos por algumas vezes interpretações diferentes para a mesma sentença. Logo, nossa primeira percepção é a da importância de verificar a leitura de um mesmo texto por diferentes pessoas, observar as diferentes percepções para a mesma ideia.

A seguir, trazemos como exemplo um trecho retirado da peça *The Taming of the Syhrew*, de Shakespeare, que apresenta a diferença na tradução de um profissional e de um tradutor eletrônico online.

Trecho Exemplo.:

"Thus in plain terms: your father hath consented
That you shall be my wife; your dowry greed on;
And will you, nill you, I will marry you." (Shakespeare. The Taming of the Syhrew, 1993).

Tradução 1
"Assim, em termos simples: seu pai tem consentido
Que você será minha esposa; e o dote já está certo;
E você, nill, você, eu vou casar com você" (texto traduzido por um tradutor online).

Tradução 2
"O dote já está acertado. E, querendo ou não, vou me casar com você. Catina, eu sou o marido pra ti" (Tradução de Beatriz Viégas-Faria, Adaptação de Patrícia Fagundes).

A tradução 1, na qual foi utilizada a ferramenta de tradução Google tradutor, visivelmente demonstra como funciona a tradução literal. As palavras foram repassadas de uma Língua para outra, de forma ingênua, sem coesão e coerência. Já na tradução 2 percebemos a situação inversa, a tradutora, além de respeitar as estruturas gramaticais da língua pretendida, busca entender o contexto textual, quem é o autor do texto e pra quem está sendo escrito. É um trabalho consciente e reflexivo que não se faz apenas por equivalência lexical, mas sim equivalência de sentido.

3. Traduzir é negociar sentidos

Quem aprende uma segunda língua não aprende a traduzir palavra por palavra de um texto. Frequentemente, aprendizes de L2 pedem para seus professores ou procuram na internet traduções de expressões e textos. Na internet existe um grande número de traduções que desconsideram elementos textuais como o contexto e o interlocutor. Por detrás de uma tradução há fatores culturais, sociais e lingüísticos que influenciam a escolha dos termos. Essa escolha deve ser feita pelo sentido, não pela forma, respeitando, em todos os pólos, a intenção enunciativa.

Saussure, quando se dedicou às dicotomias, já explicava as relações sintagmáticas e paradigmáticas. Quando optamos pela utilização de um termo, abrimos mão das demais opções. Essa escolha não é aleatória, ela é motivada por diversos fatores, como veremos em seguida.

O tradutor não faz simplesmente uma "mutação de palavras de uma língua para outra". Ele reflete e interpreta contextos lingüísticos e extralingüísticos em que a palavra está inserida e onde estará depois de traduzida. Traduzir é, assim, uma técnica de sensibilização para as escolhas de expressões a serem utilizadas.

Segundo Franz Rosenzweig, apud, Ricoeur (2005, pág. 18) "traduzir é servir a dois senhores: ao estrangeiro em sua obra, ao leitor em seu desejo de aproximação". Nesse paradoxo, o autor vê-se entre o traduzir o que o autor quis dizer, e o fazê-lo da maneira que o leitor previsto compreenda. Conforme afirma Sobral (2008) " a interlocução é por conseguinte a base da tradução, do dizer o mesmo a outros, porque é a base de todo ato simbólico humano." O autor afirma, ainda, que só há sentindo por existir um "eu" e um "tu".

Percebe-se, assim, que o tradutor não pode ser mero "substituidor" de palavras de uma língua para a outra, conforme afirma São Jerônimo na "Carta à Pamáquio"(395 E.C.), apud, Sobral

> "Preservando o sentido e alterando a forma mediante a adaptação das metáforas e das palavras à sua própria língua. Não achei necessário verter palavra por palavra, mas reproduzi o estilo e a ênfase do conjunto (...)" (2005, pág.81).

Nota-se com isso, que o autor, ao comprometer-se com a negociação de sentidos, com as responsabilidades das escolhas, com enfoque no interlocutor, acaba por ser também "autor" do texto traduzido.

Há, ainda, uma transposição cultural de conhecimentos exteriores à língua. Para que o tradutor alcance esses universos distantes, ele precisa apoderar-se deles. Esse domínio será alcançado na prática da tradução, na pesquisa e estudo sobre a cultura do país do tradutor e do traduzido, enfim, nos conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida. E, nesse ponto, entra a negociação entre culturas, em que, o tradutor precisará refletir qual o sentido mais adequado a determinada palavra em certo contexto de modo que fique contextualizado com a realidade do leitor- alvo. A tradução externalizará o resultado de tal câmbio realizado pelo tradutor.

Bhabha discute esse assunto quando diz que:

> "Quando falo de negociação em lugar de negação, quero transmitir uma temporalidade que torna possível conceber a articulação de elementos antagônicos ou contraditórios: uma dialética sem a emergência de uma história teleológica ou transcendente , situada além da forma prescritiva da leitura sintomática, em que os tiques nervosos à superfície da ideologia revelam a "contradição materialista real" que a História encarna. Em tal temporalidade discursiva, o evento da teoria torna-se a negociação de instâncias contraditórias e antagônicas, que abrem lugares e objetivos híbridos de lutas e destroem as polaridades negativas entre o saber e seus objetos e entre a teoria e a razão político-prática. (...) Com a palavra negociação, tento chamar a atenção para a estruturação de iteração que embasa os movimentos políticos que tentam articular elementos antagônicos e oposicionais sem a racionalidade redentora da superação dialética ou da transcendência" (2005, pág. 51).

No excerto acima, o autor ressalta novamente a questão da negociação cultural, que vai "além da forma prescrita" de uma tradução.

Por fim, é evidente a importância do tradutor como mediador nesse processo de intercâmbio. A negociação é tarefa para quem tem não só uma concepção de língua, mas de mundo, de cultura. Alguém que consegue relacionar, construir, criar efeitos de sentido semelhantes, enfim, ser o intermediador nessa luta que as palavras travam.

Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. "A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais" (Bakhtin/Volochinov, 2002, p.66)

4. Considerações Finais

Esse artigo tratou da tradução como um processo de negociação de significados, indo além do texto, para a dimensão dialógica do dito e do não dito.

Autor e leitor misturam-se, fundindo-se em co-autores de um texto não acabado, pois a cada leitura, re-leitura, tradução – é moldado, permeado novamente de diferentes significados. Nesse processo, figura-se um conflito que não acaba no texto – mas se materializa a cada leitura e releitura.

Dessa forma, traduzir implica não apenas o domínio de uma língua estrangeira, de conhecimentos de outra cultura; para além dessas aptidões, isso exige um mergulho do autor no universo de ideias daquele que escreve um texto com o qual este se depara no momento da tradução.

Nesse sentido, aquele que traduz irá dirigir um novo diálogo a partir da fala de outro, e sua fala ao atingir um novo universo (o universo do leitor) tentará colaborar com esse processo dialógico, em que ao lermos um texto traduzido, **o** ressignificamos a partir do discurso de outros; Traduzir é co-autoria, é ressignificar a partir do dito e readaptar o discurso a uma nova realidade, a do leitor.

O tradutor, portanto, não medeia apenas o discurso, mas a linguagem num todo, permeada por seus aspectos identitários e culturais. Sua busca é pela compreensão, não apenas do dito, mas das entrelinhas, do não dito e que faz parte das intenções do autor.

Sem essas particularidades, um texto fica superficial, sem a marca ideológica que faz parte do processo dialógico. Por essa razão, tradutores artificiais que utilizam significados literais não colaboram com uma parte fundamental do texto – sua identidade, construída a partir dos discursos de outros.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (V.N. Volochinov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 9ª Edição. São Paulo: Editora Hucitec – Annablume, 2002.

BASSNETT, Susan (eds.). *Translation, history and culture.* London: Pinter Publishers, 1996.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BRAIT, Beth. *Bakhtin. Outros. Conceitos-Chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e Enunciação*. *Organon*. O texto em perspectiva. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v. 9, n 23, p. 63-7. 1995.

LEFEVERE, André; BASSNETT, Susan. Introduction: Proust's grandmother and the Thousand and one nights: The "cultural turn" in translation studies". In: LEFEVERE, André;

RICOEUR, P. *Sobre la Traducción y Prólogo de Patricia Willson.* Buenos Aires: Paidós, 2005.

SAID, Fabio M. *Fidus Interpres: A Prática da Tradução Profissional*. São Paulo: Edição do Autor, 2010.

SHAKESPEARE, William. *The Taming of the Syhrew*. Hertfordshire: Wordsworth Editions Limited, 1993.

SOBRAL, Adail. *Dizer o 'Mesmo' a Outros: Ensaios sobre Tradução.* São Paulo: *Special Book Services*, 2008

Anexo 1

Trecho da Peça The Taming of the Syhrew (Shakespeare) - Inglês/Português

But here she comes; and now, Petruchio, speak.
Enter KATHARINA.
Good morrow, Kate; for that's your name, I hear.
Kath. Well have you heard, but something hard of hearing:
180
They call me Katharine that do talk of me.
Pet. You lie, in faith; for you are call'd plain Kate,
And bonny Kate, and sometimes Kate the curst;
But, Kate, the prettiest Kate in Christendom;
184
Kate of Kate-Hall, my super-dainty Kate,
For dainties are all cates: and therefore, Kate,
Take this of me, Kate of my consolation;
Hearing thy mildness prais'd in every town,
188
Thy virtues spoke of, and thy beauty sounded,—
Yet not so deeply as to thee belongs,—
Myself am mov'd to woo thee for my wife.
Kath. Mov'd! in good time: let him that mov'd you hither
192
Remove you hence. I knew you at the first,
You were a moveable.
Pet. Why, what's a moveable?
Kath. A joint-stool.
196
Pet. Thou hast hit it: come, sit on me.
Kath. Asses are made to bear, and so are you.
Pet. Women are made to bear, and so are you.
Kath. No such jade as bear you, if me you mean.
200
Pet. Alas! good Kate, I will not burden thee;
For, knowing thee to be but young and light,—
Kath. Too light for such a swain as you to catch,
And yet as heavy as my weight should be.
204
Pet. Should be! should buz!
Kath. Well ta'en, and like a buzzard.
Pet. O slow-wing'd turtle! shall a buzzard take thee?
Kath. Ay, for a turtle, as he takes a buzzard.
208
Pet. Come, come, you wasp; i' faith you are too angry.
Kath. If I be waspish, best beware my sting.
Pet. My remedy is, then, to pluck it out.
Kath. Ay, if the fool could find it where it lies.
212
Pet. Who knows not where a wasp does wear his sting?
In his tail.
Kath. In his tongue.
Pet. Whose tongue?

216
Kath. Yours, if you talk of tails; and so farewell.
Pet. What! with my tongue in your tail? nay, come again.
Good Kate, I am a gentleman.
Kath. That I'll try. [*Striking him.*
220
Pet. I swear I'll cuff you if you strike again.
Kath. So may you lose your arms:
If you strike me, you are no gentleman;
And if no gentleman, why then no arms.
224
Pet. A herald, Kate? O! put me in thy books.
Kath. What is your crest? a coxcomb?
Pet. A combless cock, so Kate will be my hen.
Kath. No cock of mine; you crow too like a craven.
228
Pet. Nay, come, Kate, come; you must not look so sour.
Kath. It is my fashion when I see a crab.
Pet. Why, here's no crab, and therefore look not sour.
Kath. There is, there is.
232
Pet. Then show it me.
Kath. Had I a glass, I would.
Pet. What, you mean my face?
Kath. Well aim'd of such a young one.
236
Pet. Now, by Saint George, I am too young for you.
Kath. Yet you are wither'd.
Pet. 'Tis with cares.
Kath. I care not.
240
Pet. Nay, hear you, Kate: in sooth, you 'scape not so.
Kath. I chafe you, if I tarry: let me go.
Pet. No, not a whit: I find you passing gentle.
'Twas told me you were rough and coy and sullen,
244
And now I find report a very liar;
For thou art pleasant, gamesome, passing courteous,
But slow in speech, yet sweet as spring-time flowers:
Thou canst not frown, thou canst not look askance,
248
Nor bite the lip, as angry wenches will;
Nor hast thou pleasure to be cross in talk;
But thou with mildness entertain'st thy wooers,
With gentle conference, soft and affable.
252
Why does the world report that Kate doth limp?
O slanderous world! Kate, like the hazel-twig,
Is straight and slender, and as brown in hue

As hazel nuts, and sweeter than the kernels.
256
O! let me see thee walk: thou dost not halt.
Kath. Go, fool, and whom thou keep'st command.
Pet. Did ever Dian so become a grove
As Kate this chamber with her princely gait?
260
O! be thou Dian, and let her be Kate,
And then let Kate be chaste, and Dian sportful!
Kath. Where did you study all this goodly speech?
Pet. It is extempore, from my mother-wit.
264
Kath. A witty mother! witless else her son.
Pet. Am I not wise?
Kath. Yes; keep you warm.
Pet. Marry, so I mean, sweet Katharine, in thy bed:
268
And therefore, setting all this chat aside,
Thus in plain terms: your father hath consented
That you shall be my wife; your dowry 'greed on;
And will you, nill you, I will marry you.
272
Now, Kate, I am a husband for your turn;
For, by this light, whereby I see thy beauty,—
Thy beauty that doth make me like thee well,—
Thou must be married to no man but me:
276
For I am he am born to tame you, Kate;
And bring you from a wild Kate to a Kate
Conformable as other household Kates.
Here comes your father: never make denial;
280
I must and will have Katharine to my wife.

Tradução

Mas, aí vem ela. Agora, Petrúquio, fala.
Bom dia, Catina; esse é o seu nome, pelo que ouvi.
CATARINA – Ouviu bem, mas um pouco surdo. Me chamam de Catarina os que falam de mim.
PETRÚQUIO – Mentira, pois você é chamada de Catina só e Catina contente[1] e, às vezes, Catina, a mordaz. Mas, Catina, a mais linda Catina de toda a cristandade, minha super-suave Catina, porque suaves são todas as sonatas e sonatinas, tocatas e toCatinas. Portanto, Catina, aceite isto de mim, Catina do meu consolo: de tanto ouvir falar, em cada vilarejo, de tua doçura, de tuas virtudes e de tua beleza, embora elas sejam tuas em muito mais profundidade, sinto-me movido e levado a pedir-te em casamento.

[1] Para ser pronunciado como "com dente". (N.T.)

CATARINA – Movido e levado! Em boa hora! Aquele que o moveu até aqui, que também o leve embora. Eu logo vi que o senhor era um móvel.
PETRÚQUIO – E que móvel?
CATARINA – Um banquinho.
PETRÚQUIO – Acertaste na mosca. Vem, senta em cima de mim.
CATARINA – Burros são feitos para agüentar carga, e tu também.
PETRÚQUIO – Mulheres são feitas para agüentar carga, e tu também.
CATARINA – Não com um quadrúpede feito você.
PETRÚQUIO – Ai de mim, Catina querida. Eu prometo que não vou pesar em cima de ti. Eu sei que tu és novinha e levinha,
CATARINA – Sou leve demais para que um porco consiga me pegar. Pega não!
PETRÚQUIO – "Pega não!" Fala aí, zangão!
CATARINA – O senhor pegou a idéia; e a estraçalhou, como um falcão.
PETRÚQUIO – Ah, minha pombinha lerda! Quem sabe um falcão não te estraçalha?
CATARINA – Ele pode vir pronto para uma pombinha, e vai encontrar uma águia.
PETRÚQUIO –Vamos, sua vespa venenosa. Você está zangada demais.
CATARINA – Se eu sou venenosa e estou zangada, cuidado com o meu ferrão.
PETRÚQUIO – Meu remédio para isso é tirar o ferrão.
CATARINA – Claro, se o palhaço conseguisse achar o ferrão.
PETRÚQUIO – Quem não sabe onde a vespa tem o ferrão? No rabo.
CATARINA – Na língua.
PETRÚQUIO – Língua de quem?
CATARINA – A sua, se o senhor vai me falar de rabos. Adeus.
PETRÚQUIO – O que? A minha língua no seu rabo? Não, volte aqui, minha Catina; eu sou um cavalheiro.
CATARINA – Isso eu vou testar. *[Dá-lhe um tapa.]*
PETRÚQUIO – Juro que eu te estapeio se me bater de novo.
CATARINA – Então vai ficar desarmado e de braços atados: se ergue o braço contra mim, não é um cavalheiro e, se não é um cavalheiro, não pode casar comigo.
PETRÚQUIO – O assunto agora é heráldica, Catina? Ah, me põe nos registros do teu coração.
CATARINA – Qual é o seu brasão? Um barrete de bufão? Uma crista de galo de briga?
PETRÚQUIO – O galo que manda no galinheiro; e Catina vai ser minha galinha.
CATARINA – Não é galo pra mim, faz um cocoricó muito do mixa.
PETRÚQUIO – Ora, vamos lá, Catina. Você não pode ser tão azeda.
CATARINA – É do meu feitio, sempre que vejo um limão.
PETRÚQUIO –Não tem limão nenhum aqui; não tem por que estar azeda.
CATARINA – Tem limão, sim.
PETRÚQUIO – Então me mostra.
CATARINA – Se eu tivesse um espelho, eu mostrava.
PETRÚQUIO – Você quer dizer o meu rosto?
CATARINA – Na mosca, o que é notável num menino.
PETRÚQUIO – Por São Jorge, sou novo demais para você.
CATARINA – E, no entanto, está murcho de tão enrugado.
PETRÚQUIO – São as preocupações. Tenho interesse em me casar.
CATARINA – Isso não me interessa.
PETRÚQUIO – Escute aqui, Catina: na verdade, você não vai se escapar.
CATARINA – Deixe-me ir. Se eu ficar vou deixá-lo irritado...

PETRÚQUIO – Não, nem um pouquinho. Acho que você é uma alma gentil. Me contaram que você era grosseira e antipática, e agora vejo que era tudo mentira. Tu és agradável, brincalhona, cordial, doce como as flores da primavera. Tu não consegues ficar emburrada, e nem mordes o lábio, como fazem as mulheres bravas. Por que o mundo diz que Catina puxa da perna? Ah, mundo injusto! Catina, é reta e esbelta como um tronco, e tão morena e doce como as avelãs. Vai, me deixa ver como caminhas.
CATARINA – Vai embora, palhaço, e leva contigo os que te obedecem.
PETRÚQUIO – Alguma vez Diana, a deusa da caça e da castidade, combinou tanto com um bosque quanto Catina com seu gingado de princesa combina com este salão? Ah, sejas tu Diana, e que ela seja Catina. E então seja Catina casta e Diana caçadora!
CATARINA – Onde o senhor estudou essa formosa fala?
PETRÚQUIO – Foi improvisada; um talento que herdei de minha mãe.
CATARINA – A mãe é talentosa, e o filho com um parafuso a menos.
PETRÚQUIO – Não me achas inteligente?
CATARINA – O bastante pra te manter aquecido.
PETRÚQUIO – É disto que estou falando, Catarina: me aquecer na tua cama. Assim sendo, coloquemos toda esta conversa de lado e falemos com todas as letras: seu pai consentiu com o nosso casamento. O dote já está acertado. E, querendo ou não, vou me casar com você. Catina, eu sou o marido pra ti. Pela luz que nos alumia, a mesma luz que me deixa ver a tua beleza, essa beleza que me faz gostar de ti, tu deves casar comigo. Eu sou o homem para você, Catina, pois nasci para te domar, para transformar essa Catina selvagem numa Catina dócil. Aí vem o seu pai. Não me rejeite. Eu quero e vou casar com Catarina.

Tradução de Beatriz Viégas-Faria
Adaptação de Patrícia Fagundes
Estréia em Porto Alegre, Teatro de Câmara Túlio Piva
Temporada de março a abril de 2008